I

Tochas cintilavam e tremulavam no alto das torres do Palazzo Vecchio e do Bargello, e umas poucas lanternas brilhavam na praça da catedral, pouco mais ao norte. Algumas também iluminavam o cais ao longo das margens do rio Arno, onde, mesmo sendo tarde para uma cidade em que a maior parte da população se recolhia ao cair da noite, uns poucos marinheiros e estivadores ainda podiam ser vistos na escuridão. Alguns dos marinheiros, ainda ocupados com suas embarcações, apressavam-se para cuidar dos últimos detalhes das tarefas de cordame, enrolando bem as cordas nos deques escuros e limpos, enquanto os estivadores corriam para transportar ou puxar cargas até a segurança dos armazéns próximos.

As luzes também estavam acesas nos bares e bordéis, mas pouquíssimas pessoas vagavam pelas ruas. Fazia sete anos desde que Lourenço de Médici, então com 20, fora eleito para a liderança da cidade, trazendo com ele uma sensação de ordem e calma à intensa rivalidade entre as famílias de liderança internacional de mercadores e banqueiros que faziam de Florença uma das cidades mais ricas do mundo. Apesar disso, a cidade nunca havia deixado de borbulhar, às vezes até ferver, enquanto cada facção lutava pelo poder, algumas trocando de alianças, outras permanecendo inimigas implacáveis.

Florença, no ano de Nosso Senhor de 1476, mesmo em uma noite perfumada com o jasmim na primavera, quando quase se podia esquecer o fedor do Arno se o vento soprasse na direção certa, não era o lugar mais seguro para estar ao ar livre depois de o sol cair.

A lua havia se erguido soberana no céu agora cor de cobalto ante uma horda de estrelas submissas. Sua luz caía sobre a praça onde a ponte Vecchio, com suas abarrotadas lojas, agora escuras e silenciosas, se juntava à margem norte do rio. Sua luz também banhava uma silhueta vestida de negro que estava de pé no telhado da igreja de Santo Stefano

al Ponte — um jovem de apenas 17 anos, porém alto e orgulhoso. Depois de inspecionar atentamente a região abaixo, levou uma das mãos aos lábios e soltou um assobio baixo e penetrante. Em resposta, sob o seu olhar, primeiro um, depois três, então uma dúzia e por fim vinte homens, jovens como ele, a maioria vestida de negro, alguns com chapéus ou capuzes de cor vermelho-sangue, verde ou azul, todos com espadas e adagas presas ao cinto, emergiram das ruas escuras e das arcadas em direção à praça. A gangue de jovens de aparência perigosa se espalhou, seus movimentos marcados por uma confiança arrogante.

O jovem olhou para baixo, para os rostos ansiosos que o miravam, pálidos ao luar. Ergueu o punho acima da cabeça em uma saudação desafiadora.

— Sempre unidos! — gritou, enquanto os outros também erguiam o punho, alguns sacando as armas e brandindo-as, respondendo em coro:

— Unidos!

O jovem rapidamente desceu como um gato pela fachada inacabada até o pórtico da igreja, de onde saltou, fazendo a capa esvoaçar, e aterrissou agachado e em segurança no meio do grupo. Com expectativa, reuniram-se ao seu redor.

— Silêncio, meus amigos! — Ele ergueu uma das mãos para interromper um último e solitário grito. Sorriu com crueldade. — Sabem por que os chamei aqui esta noite, vocês, meus aliados mais próximos? Para pedir sua ajuda. Durante muito tempo fiquei em silêncio, enquanto nosso inimigo, vocês sabem de quem estou falando, Vieri de’Pazzi, saiu por esta cidade difamando minha família, jogando nosso nome na lama e tentando nos humilhar de seu jeito patético. Normalmente eu não hesitaria em chutar um cão sarnento como esse, mas...

Ele foi interrompido por uma pedra grande e afiada, atirada da ponte, que aterrissou aos seus pés.

— Chega de besteira, *grullo* — gritou uma voz.

O jovem e seu grupo se viraram como um só na direção daquela voz. Ele já sabia a quem ela pertencia. Cruzando a ponte vindo do lado sul, outra gangue de rapazes se aproximava. Seu líder se gabava à frente, metido em um terno de veludo negro e uma capa vermelha, presa com um fecho de golfinhos e cruces sobre um fundo azul, com a mão sobre o

pomo da espada. Era razoavelmente bonito, embora sua aparência fosse prejudicada pela boca cruel e pelo queixo frágil, e, apesar de ser um pouco gordo, não restava dúvida quanto à força de seus braços e pernas.

— *Buona sera*, Vieri — disse o jovem sem se alterar. — Estávamos justamente falando de você. — E fez uma reverência com exagerada cortesia, enquanto fingia um ar de surpresa. — Mas terá de me perdoar. Não estávamos esperando você pessoalmente. Achei que os Pazzi sempre contratavam terceiros para fazer o trabalho sujo.

Vieri, aproximando-se, endireitou o corpo com arrogância, enquanto ele e seu bando paravam a poucos metros de distância.

— Ezio Auditore! Seu pirralhinho mimado! Eu diria que, na verdade, é a sua família de burocratas e contadores que sempre sai correndo atrás dos guardas ao menor sinal de problema. *Codardo!* — Ele agarrou o punho da espada. — Medo de tratar das coisas sozinho, eu diria.

— Bem, o que posso dizer, Vieri, *ciccione?* Da última vez que vi sua irmã, Viola, ela me pareceu bastante satisfeita com o tratamento que *lhe* dei. — Ezio Auditore deu ao inimigo um largo sorriso, satisfeito por ouvir atrás de si seus companheiros abafando os risinhos e o apoiando.

Mas sabia que tinha ido longe demais. Vieri já estava roxo de raiva.

— Já basta, Ezio, seu cretino! Vamos ver se você luta tão bem quanto fala! — Virou a cabeça para trás, na direção de seus homens, e ergueu a espada. — Matem os malditos! — berrou ele.

Imediatamente, outra pedra girou pelos ares, mas dessa vez não foi atirada em desafio. Pegou Ezio de raspão na testa, rasgando a pele e fazendo jorrar sangue. Ezio cambaleou para trás por um instante, enquanto uma saravada de pedras voava das mãos dos seguidores de Vieri. Os homens de Ezio mal tiveram tempo de se refazer e a gangue de Pazzi já estava em cima deles, correndo pela ponte em sua direção. De repente, a luta ficou tão pessoal e tão rápida que não houve tempo de sacar as espadas ou sequer as adagas — as duas gangues simplesmente se atacaram com os punhos.

A batalha foi dura e cruel, repleta de chutes brutais e socos seguidos pelo som doentio de ossos se quebrando. Durante algum tempo, poderia pender tanto para um lado quanto para o outro; então Ezio, com a visão ligeiramente comprometida pelo sangue que escorria pela testa, viu dois de seus melhores homens cambalearem e caírem, sendo logo pisoteados

pelos capangas de Pazzi. Vieri gargalhou e, perto de Ezio, girou a mão para lhe acertar outro golpe na cabeça com uma pedra pesada. Ezio se abaixou e o golpe não o acertou, mas tinha sido próximo demais para seu gosto, e agora seu grupo estava levando a pior. Ezio conseguiu sacar a adaga antes de se levantar e golpear a esmo, e com sucesso feriu a coxa de um dos grandalhões de Pazzi que se debruçava sobre ele com a espada e a adaga desembainhadas. A adaga de Ezio rasgou tecido, músculos e ligamentos, e o homem soltou um urro de agonia e caiu, largando as armas e agarrando a ferida com as mãos enquanto o sangue jorrava.

Lutando desesperadamente para se levantar, Ezio olhou em volta. Viu que os Pazzi já haviam rodeado todos os seus homens, encurralando-os contra um dos muros da igreja. Sentindo as pernas um pouco mais fortes, ele foi até os companheiros. Esquivando-se sob a lâmina da foice de outro escudeiro de Pazzi, conseguiu acertar um soco no maxilar barbado do homem e teve a satisfação de ver dentes voando e seu quase atacante cair de joelhos, desnordeado com o golpe. Gritou para seus próprios homens para incentivá-los, mas na verdade só pensava em bater em retirada com o máximo de dignidade possível quando, acima do barulho da briga e por trás do bando de Pazzi, ouviu uma voz alta, jovial e bastante familiar chamar por ele.

— Ei, *fratellino*, que diabo você está aprontando?

O coração de Ezio pulou com alívio, e ele conseguiu falar, meio engasgado:

— Ei, Federico! O que você está fazendo aqui? Achei que estivesse na farra, como sempre!

— Que nada! Sabia que você tinha planejado algo e pensei em vir ver se meu irmãozinho tinha finalmente aprendido a cuidar de si mesmo. Mas talvez você ainda esteja precisando de uma ou duas aulas!

Federico Auditore, alguns anos mais velho que Ezio e o mais velho dos irmãos Auditore, era um grandalhão de apetite igualmente grande — por bebidas, mulheres e lutas. Antes mesmo de terminar de falar já estava no meio do combate, batendo a cabeça de dois dos homens de Pazzi uma contra a outra e chutando a mandíbula de um terceiro, enquanto abria caminho pela multidão para ficar ao lado do irmão, aparentemente sem se abalar com a violência ao seu redor. Em torno

deles seus próprios homens, encorajados, redobram os esforços. Já os de Pazzi estavam desorientados. Alguns dos funcionários do estaleiro se reuniram a uma distância segura para assistir e, à meia-luz, os Pazzi acharam que eram reforços dos Auditore. Juntando isso aos rugidos e punhos velozes de Federico, que logo foi imitado por Ezio (ele aprendia rápido), não demorou para deixá-los em pânico.

A voz furiosa de Vieri de' Pazzi ergueu-se acima do tumulto geral:

— Para trás! — ordenou ele a seus homens, cheio de cansaço e raiva. Seu olhar se encontrou com o de Ezio e, rangendo os dentes, ele proferiu alguma ameaça inaudível antes de sumir na escuridão, voltando a cruzar a ponte Vecchio, seguido por aqueles dentre seus homens que ainda conseguiam andar, e perseguidos com furor pelos agora triunfantes aliados de Ezio.

Ezio também estava prestes a ir junto, mas a mão enorme de seu irmão o impediu.

— Espere um minuto — disse.

— Como assim? Eles estão fugindo!

— Calma. — Federico franziu a testa e tocou de leve a ferida na sobancelha de Ezio.

— É só um arranhão.

— É mais do que isso — decidiu seu irmão, com uma expressão preocupada. — Melhor irmos a um médico.

Ezio desdenhou:

— Não tenho tempo a perder com médicos. Além do mais... — Ele fez uma pausa, com tristeza. — Não tenho dinheiro.

— Ah! Desperdiçou tudo com mulheres e vinho, suponho. — Federico sorriu e deu um tapa caloroso no ombro do irmão mais novo.

— Não exatamente desperdicei, eu diria. E considere o exemplo que você me deu. — Ezio sorriu, mas depois hesitou. De repente se deu conta de que sua cabeça latejava. — Seja como for, não custa dar uma olhada. Será que você poderia me emprestar uns *fiorini*?

Federico deu um tapinha na bolsa, que não tilintou.

— A verdade é que neste momento eu também estou meio descapitalizado — respondeu.

Ezio sorriu com o acanhamento do irmão.

— E no que você desperdiçou o seu? Missas e indulgências, suponho?

Federico gargalhou.

— Certo. Já entendi.

Ele olhou ao redor. No final, apenas três ou quatro de seus homens tinham sido feridos com seriedade suficiente para permanecerem no campo da batalha e agora estavam se sentando, gemendo um pouco, mas sorrindo também. Tinha sido um combate duro, mas ninguém havia sido ferido com seriedade. Por outro lado, no mínimo meia dúzia dos capangas de Pazzi estavam caídos e completamente fora do ar, e pelo menos um ou dois deles estavam vestidos com roupas caras.

— Vejamos se nossos inimigos derrotados têm alguma riqueza para compartilhar — sugeriu Federico. — Afinal, nossa necessidade é maior do que a deles, e aposto que você não consegue aliviar sua carga sem acordá-los!

— Isso é o que vamos ver — disse Ezio, e se lançou à tarefa com algum sucesso. Em questão de minutos já tinha colhido moedas de ouro suficientes para encher tanto a sua bolsa quanto a do irmão. Ezio olhou para Federico em triunfo e sacudiu as riquezas recém-adquiridas para enfatizar.

— Basta! — gritou Federico. — Melhor deixar um pouco para eles poderem voltar mancando para casa. Afinal de contas, não somos ladrões: isso é apenas o espólio da guerra. E continuo não gostando da aparência dessa ferida. Precisamos que isso seja visto o quanto antes.

Ezio concordou com a cabeça e se virou para inspecionar pela última vez o campo da vitória dos Auditore. Perdendo a paciência, Federico apoiou uma das mãos no ombro do irmão.

— Vamos — disse, e rapidamente saiu andando num ritmo que Ezio, exausto pela luta, achou difícil acompanhar. Porém, sempre que ficava muito para trás ou virava no lugar errado, Federico parava ou se apresava em ajudá-lo.

— Desculpe-me, Ezio. Só quero chegar ao médico o quanto antes.

E de fato não ficava longe, mas Ezio ficava mais cansado a cada minuto. E finalmente eles chegaram à sala sombria, repleta de instrumentos misteriosos e frascos de latão e vidro que se estendiam ao longo de mesas de carvalho escuro e pendurados no teto junto com ramos de ervas secas, onde o médico da família tinha seu consultório. Ezio mal conseguia ficar em pé.

O *dottore* Ceresa não ficou muito satisfeito de ser acordado no meio da noite, mas seu mau humor se transformou em preocupação assim que aproximou uma vela para examinar minuciosamente a ferida de Ezio.

— Humm — disse, com gravidade. — Dessa vez você aprontou uma daquelas, rapaz. Será que vocês não conseguem pensar em nada melhor para fazer do que sair por aí batendo uns nos outros?

— Foi uma questão de honra, meu bom doutor — explicou Federico.

— Entendo — respondeu o médico, calmamente.

— Na verdade, não foi nada — disse Ezio, embora se sentisse tonto.

Federico, como sempre escondendo a preocupação atrás do humor, disse:

— Costure o moço o melhor que puder, amigo. Esse rostinho bonito é o único bem que ele tem.

— Ei, *fottuto!* — devolveu Ezio, mostrando o dedo ao irmão.

O doutor os ignorou, lavou as mãos, pressionou gentilmente a ferida e derramou um líquido claro de uma de suas diversas garrafas em um pano de linho. Limpou com aquilo o ferimento, e ardeu tanto que Ezio quase deu um pulo da cadeira, com o rosto retorcido de dor. Então, satisfeito com a assepsia, o doutor pegou uma agulha e passou pelo buraco uma sutura fina feita de tripa.

— Agora — disse ele —, isso vai doer um pouco.

Depois que os pontos foram dados e o ferimento foi enfaixado, de modo que Ezio parecia um turco de turbante, o doutor sorriu de forma encorajadora.

— São três *fiorini*, por agora. Irei a seu *palazzo* dentro de alguns dias para retirar os pontos. Aí serão mais três *fiorini*. Você vai sentir uma dor de cabeça terrível, mas vai passar. Tente descansar, se isso estiver na sua natureza! E não se preocupe: a ferida parece pior do que é. Além disso, há um bônus: não vai ficar uma cicatriz grande, então você não irá desapontar tanto as senhoritas no futuro!

De volta à rua, Federico envolveu o irmão mais novo com um braço. Puxou uma garrafa e ofereceu a Ezio.

— Não se preocupe — disse, percebendo a expressão de Ezio. — É a melhor *grappa* de nosso pai. Melhor que leite de mãe para um homem em suas condições.